

Ampla, geral e irrestrita (final)

JOSÉ CARLOS AZEVEDO

Sob outra forma, a divulgação desta parte final do artigo publicado em 19.02.88 teria ocorrido há mais tempo se, na véspera, não tivesse sido alertado para a conveniência de poupar o leitor da tediosa comprovação dos incontáveis erros, incongruências e desinformações existentes no livro de frei Betto (OSPB, Introdução à Política Brasileira, Editora Attica, 5ª Ed., 1987); por isso, com dificuldade de escóla, o texto foi reduzido à terceira parte, suficiente, entretanto, para mostrar que a leitura do livro é desaconselhável a pessoas de todas as idades, custando a crer que tenha sido adotado em tantas escolas.

O "ódio ao saber" que o conluto entre o socialismo e a pedagogia instila, mencionado por I. Stal e F. Thom no A Escola de Bárbaros (Ed. OSPB), oferece uma visão nihilista do mundo, despida de valores humanos; estimula a luta de classes; gnaltece as falsas ciências e, mesmo exagerando no tecnicismo, as faz atraentes e acessíveis aos espíritos fracos; valoriza o sensualismo e menospreza o indivíduo e a moralidade; para confundir os mais ainda, vale-se da falsa erudição e ensina aos adolescentes assuntos que exigem raciocínio abstrato, não comum em crianças dessa idade. Apresentado pelo autor como "um livro didático em duplo sentido: para ser adotado nas escolas e para ser entendido pelos leitores", uma bizantinice, pelo menos, o livro de frei Betto se destina "aos estudantes brasileiros e militantes de movimentos populares e sindicais" e é "um livro diferente de tudo aquilo que se escreveu sob o regime autoritário", uma afirmação sem nexo explícito porque bons livros não faltaram naquele período, até de crítica ao regime. Frei Betto diz mostrar "como a humanidade evoluiu através dos tempos"; que explica como funcionam os "modos de produção... o capitalista e o comunista... as instituições políticas brasileiras..." para mostrar para que serve o Governo; quem controla o Brasil, o que é o FMI... mas absolutamente nada existe no livro dos pontos de vista histórico e científico; apenas trivialidades, erros e desinformações.

O livro tem muitos erros, dentre eles os seguintes. Pág. 14: "... essa produção a mais chama-se excedente que vem do termo excesso"; ora, a primeira palavra vem do latim "excedente", significando o que excede, e a outra vem de "excessu", diferença entre duas quantidades. Na pág. 25, frei Betto explica: "monopólio significa propriedade de um só" mas essa palavra deriva do Grego monopolion e da latina monopolium e quer dizer, em português castiço, "tráfico, exploração, posse, acampamento de mercadoria"; aliás se em etimologia valesse apenas a sonoridade e a grafia, mais razoável seria deduzir que monopólio significa "macaco burguês". Na pág. 24, cita "uma lei ainda válida e de certa forma universal: o valor de uma mercadoria é igual ao tempo para produzi-la", uma ilogicidade absoluta porque tempo e mercadoria são quantidades heterogêneas e eventuais igualdades numéricas entre elas desaparecem, mudando as unidades; mas frei Betto exemplifica essa tal lei: "Isto quer dizer que uma pedra de diamante do tamanho de um botão de camisa vale tanto quanto um automóvel novo, porque o tempo necessário para se obter o diamante é o mesmo necessário para obter o carro", um contra-senso, porque influem na composição desses preços a raridade da pedra e a mecanização da produção do automóvel, e se este fosse feito manualmente, peça por

peça, valeria mais que os 3.106 quilates do diamante Cullinan que, aliás, foi encontrado em 1905 por acaso, sem custar tempo ou dinheiro.

Há no livro uma pletera de desinformações desconexas, acusações sem provas e, na pág. 96, frei Betto diz que "a ideologia machista é tão forte que até parece... natural: se um homem namora várias mulheres ao mesmo tempo, passa por esperto, conquistador, don Juan; se o mesmo ocorre com uma mulher, logo é tachada de sem-vergonha, prostituta, descarada, etc... Ela está sempre a serviço dos homens (vovó Donaldá) mendigando compreensão (Luluzinha) ou se afirmando (Mônica)". Na pág. 97 diz: "Compra-se uma marca de cigarro com a sensação inconsciente de que se adquira a bela loira que aparece de biquini junto ao produto. A propósito: porque não usam negras nesse tipo de comercial?" O que tem isso a ver com organização social e política brasileira? Para que servem essas informações aos adolescentes? Desde quando machismo é ideologia?

À pág. 24, frei Betto diz que as histórias de Walt Disney, envolvendo Donald, Patinhas, Irmãos Metralha... ("são livrinhos de catecismo" e faz insinuações sobre a honradez do Tio Patinhas: "É um mihardário pão-duro, cuja riqueza enorme, em função da qual ele vive, ninguém sabe de onde veio". Veja, leitor, é em livros assim que estudam as crianças brasileiras; as referências não são aos santos, sábios, soldados, mártires, poetas e heróis: são aos Tios Patinhas, Mônicas, Huguinhos et alii.

O deprimente nível do livro é o que se vê das citações aqui feitas, mas ele não difere de outras publicações da FAE, órgão do MEC, um dos responsáveis pelo bem-sucedido esforço de criar o homo brasiliensis stultus, por divulgar subliteraturas e sandices que consolidam a ignorância ampla, geral e irrestrita do estudante brasileiro.

Esse conluto da pedagogia com a sociologia já deturpou o ensino de 1º e 2º graus no Brasil e por isso os adolescentes chegam às universidades para se dedicar ao participacionismo e sindicalismo, criando em nosso país esse "Camboja cultural". O marxismo ocupou o ensino brasileiro quando começava a eclipsar-se no resto do mundo, a partir de 1964, e ganhou força no atual governo quando o MEC, com a democratite das eleições em estabelecimentos escolares, avalizou a ditadura da mediocridade. Ela entretanto não vingou apenas pelo aspecto ideológico, mas também por ser uma teoria simplória, acessível a inteligências fracas: há três profetas, Marx, Engels e Lênin, que previram tudo, com um vocabulário reduzido (opressor, monopólio, burguês, dialética, espoliador, modos de produção, oprimido, esquerda, elitismo, imperialismo, determinismo, direita, libertação, classe dominante etc.) justificam, explicam e resolvem tudo o que houve, há e haverá no mundo.

As desigualdades entre os homens, as intolerâncias e discriminações são frutos da ignorância e da má-fé e não confirmações de terminismos históricos ou de profecias do marxismo. O livro de frei Betto mostra ainda que a crise da educação brasileira é muito mais grave e já chegou a alguns seminários, o que explica muitos fatos que causam perplexidade. Restam as palavras de Anatole, no "Jardin d'Épicure": "Haverá sempre ignorantes entre nós; é preciso respeitar todas as inteligências e deixar à simplicidade aquelas que lhe são destinadas".